
Dialogismo, polifonia e interdiscursividade: conceitos-chave para o estudo sobre o gênero discursivo conto

Dialogism, polyvocality and interdiscursivity: key concepts for the study of the short story genre

Andressa Lopes¹
Everton Vinicius de Santa²
Márcia Adriana Dias Kraemer³

RESUMO: Dialogismo, polifonia e interdiscursividade são conceitos-chave correntemente utilizados para subsidiar estudos na área de língua materna. Em nossas pesquisas, buscamos analisar a relação entre esses conceitos, inseridos na concepção interacionista de linguagem, as teorias que lhe são subjacentes e o estudo dos gêneros discursivos, com enfoque nos pressupostos de Bakhtin (2006), de Brait (2009) e de Faraco (2009). Objetivamos refletir, sob a ótica da Linguística Aplicada e da Teoria Sociológica do Discurso, como a tríade conceitual vincula-se às pesquisas acadêmicas de pós-graduação, centradas na linha de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e de literatura, verificando a sua apropriação como contrapalavra nas proposições teórico-metodológicas que implementa. Investigamos, assim, o entendimento desses termos, à luz de sua relação com nossos estudos sobre contos escritos na contemporaneidade, ligados ao projeto *Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual*, e ao grupo de pesquisa *FELIP – Formação e Ensino em Língua Portuguesa*, da Universidade Estadual de Londrina/PR. A escolha do gênero discursivo *conto* acontece pelo fato de ser uma atividade de leitura e de escrita concreta e histórica, tipicamente situada na comunicação social, com traços temáticos, estilísticos e composicionais concernentes a enunciados individuais, dessa forma, inserida no labor humano.

Palavras-chave: pesquisa; dialogismo; conto.

ABSTRACT: Dialogism, polyvocality and interdiscursivity are key concepts currently used to support studies in the area of language. In our research, we sought to analyze the relationship between these concepts, within the interactionist conception of language, the theories underlying it and the study of genres, focusing on the assumptions Bakhtin (2006), Brait (2009) and Faraco (2009). We aim to make considerations, under the viewpoint of Applied Linguistics and Sociological Theory of Discourse, how the triad concept is linked to the post-graduation academic research, focused on the teaching-learning approaches of

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL e mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, concentração em Linguagem e Educação, pela mesma instituição. dressalopes@hotmail.com

² Graduado e Mestre em Letras, com concentração em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. evertonrep@yahoo.com.br

³ Graduada e Mestre em Letras, concentração em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual de Maringá. Doutoranda em Estudos da Linguagem, concentração em Linguagem e Educação, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. marciakraemer@uol.com.br

Portuguese and literature, verifying its appropriation as a counterword on the theoretical and methodological propositions it implements. Thus, we investigated the understanding of these terms, in light of their relationship with our studies in contemporary short stories, related to the project *Linguistic Analysis: contextualization to the practices of reading and text production*, and to the research group *FELIP - Training and Teaching Portuguese*, from the State University of Londrina/PR. The choice of the short story genre is due to the fact that it is a concrete, historical activity of reading and writing, typically located in social communication, with thematic, stylistic and compositional traces concerning individual statements and thus inserted into human labor.

Keywords: research; dialogism; short story.

INTRODUÇÃO

Para quem entende a linguagem como interação, tratar de leitura, de análise linguística e de produção textual sem passar pelos pressupostos de Bakhtin é inevitável, devido à abrangência que estes ocupam, sobretudo, nos estudos linguísticos, embora esse pensador não compreenda “[...] sua reflexão sobre a linguagem como propriamente de natureza científica, mas primordialmente como de natureza filosófica” (FARACO, 2009, p. 25).

A grande influência desse filósofo russo nas pesquisas da área das ciências humanas acontece provavelmente pela perspectiva de linguagem vista como um produto histórico e significativo da atividade mental dos homens, mobilizada a serviço da comunicação, do conhecimento e da resolução de problemas. Sendo uma atividade mental humana, caracteriza-se como um processo pessoal e social ao mesmo tempo. Esses pressupostos são adotados no conjunto da obra do Círculo,⁴ a qual privilegia três eixos precípuos: a questão da unicidade e eventicidade do Ser; o tema da contraposição *eu/outro*; e o componente axiológico intrínseco ao existir humano.

Esses pilares são tratados por ele sob um prisma sociológico, de relações entre a linguagem e a sociedade, inseridas em um contexto histórico, cultural e ideológico. É nesse seio que o signo bakhtiniano torna-se o elemento norteador, por ser decorrente das estruturas sociais, que estão repletas de ideologias, uma vez que o universo da criação ideológica é essencialmente de natureza semiótica. Se

⁴ Círculo de Bakhtin é uma expressão convencionada por estudiosos contemporâneos e refere-se ao grupo de pensadores de diferentes formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (para o qual se considera que Mikhail M. Bakhtin tenha prestado a maior contribuição, ao lado de Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev), que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, na Rússia, em torno de projetos filosóficos os quais tinham como ponto de convergência a concepção de linguagem.

entendermos o signo como *palavra*, então, toda palavra é revestida de uma aura heteroglóssica e carregada de uma ideologia característica que dá sentido ao discurso.

É dessa discussão crítica sobre a linguagem e suas implicações que emerge nossa pesquisa. Como participantes do projeto *Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual*, ligado ao grupo de pesquisa *FELIP (Formação e Ensino em Língua Portuguesa)*, da Universidade Estadual de Londrina, buscaremos, neste estudo, sob a ótica da Linguística Aplicada, entender de que forma os conceitos bakhtinianos de dialogismo, de polifonia e de interdiscursividade vinculam-se às pesquisas de alunos de pós-graduação voltadas ao ensino e à aprendizagem de língua portuguesa e de literatura, verificando a sua apropriação como contrapalavra nas proposições teórico-metodológicas implementadas em análises do gênero *conto*.⁵

A escolha desse gênero discursivo acontece pelo fato de termos acolhido tal narrativa literária como objeto de análise em nosso percurso de pesquisadores, uma vez que cremos ser o conto uma atividade de leitura e de escrita concreta e histórica, tipicamente situada na comunicação social, além de ter traços temáticos, estilísticos e composicionais concernentes a enunciados individuais, dessa forma, inserida no labor humano.

A pesquisa, em um primeiro momento, procura abranger todo o território nacional com um recorte que contemple dissertações e teses, as quais envolvam estudos literários do gênero discursivo *conto* sob a perspectiva bakhtiniana da linguagem. Assim, contrastamos o modo pelo qual os conceitos de dialogismo, de polifonia e de interdiscursividade são interpretados, utilizados e aplicados, uma vez funcionando como arcabouço teórico-metodológico para o desenvolvimento desses estudos.

Em um segundo momento, aprofundaremos nossas considerações e análises com respeito à tríade colocada em foco, segundo as perspectivas de Fiorin (2000; 2003; 2006), o qual defende que o gênero literário, de um modo geral, é um dos mais profícuos, por mobilizar todas as funções e dimensões da linguagem, provocando a interação verbal, marcada pela natureza sensível do processo de

⁵ Este relatório de pesquisa é resultado de uma apresentação no Seminário *Conceitos bakhtinianos em pesquisas sobre o ensino de língua* – 1º Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários – CIELLI, realizado na Universidade Estadual de Maringá – UEM.

ensino e de aprendizagem na escola. Além desse estudioso, recorreremos a Faraco (2009), por ser um profundo conhecedor das obras do Círculo de Bakhtin, entre outros autores que também subsidiarão nossas considerações.

1 DIALOGISMO, POLIFONIA E INTERDISCURSIVIDADE NA PERSPECTIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Antes de iniciarmos a nossa discussão em relação à tríade proposta, vale lembrar que os estudiosos citados, referências quando pensamos na obra bakhtiniana, são unânimes em afirmar que há uma grande problemática em torno dos termos dialogismo, polifonia e interdiscursividade e de outros ligados ao Círculo de Bakhtin. Isso acontece, segundo Fiorin (2006) e Faraco (2009), por vários motivos: a confusão em torno da autoria de certos textos publicados nos anos 1920; a falta de ordem cronológica quando da entrada e da divulgação da obra no Ocidente; equívocos de tradução; o fato de vários textos serem resultado de manuscritos inacabados, alguns apenas rascunhados; a banalização e a simplificação de termos como *diálogo*, *interação*, *gêneros do discurso*, *polifonia*, *intertextualidade*, entre outros.

Dessa forma, nesta pesquisa, procuraremos ser fiéis, o quanto possível, à fala desses autores, os quais fundamentam esta análise, para não incorrerem na falácia da interpretação equivocada, mesmo sabendo que nosso discurso, invariavelmente, está perpassado por fios ideológicos e vozes sociais heterogêneas, sempre presentes no discurso pedagógico. Como princípio, apoiaremos-nos nas ideias basais do Círculo, a fim de, posteriormente, entendermos melhor como Bakhtin concebe a tríade, centro de nossa atenção.

Inicialmente, a identificação do ideológico com o semiótico é que vai alicerçar os estudos do Círculo na construção de uma teoria materialista para a análise dos processos e dos produtos da cultura imaterial. Nessa perspectiva, os membros desse grupo consideram que os produtos da criação ideológica são sempre signos, os quais “[...] são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social [...] emergem e significam no interior das relações sociais, estão entre seres socialmente organizados [...]” (FARACO, 2009, p. 49).

É dessa percepção que nasce o conceito de que as relações em sociedade são semioticamente mediadas, uma vez que o real nunca nos chega de maneira direta, mas por meio de “[...] um real informado em matéria significativa [...]” (FARACO, 2009, p. 49). Além disso, pelo fato de os signos terem uma dimensão axiológica, a nossa interação com o mundo é sempre atravessada por valores, em que a palavra é circundada por uma atmosfera social de discursos.

Nesse prisma, a ideia do discurso perpassado pela voz alheia, ou seja, que traz o outro em sua composição, torna-se um dos princípios do pensamento bakhtiniano e fundamento de sua concepção de dialogismo, por tratar o discurso como um *eu* constituído por vozes de diferentes indivíduos (enunciadores). Dessa forma, fica conhecida a concepção do Círculo de que os signos não só *refletem* o que nos circunda, bem como *refratam* os acontecimentos, uma vez que, quando lemos ou dizemos o mundo, essa ação é perpassada pela heterogeneidade axiológica. Assim, entendemos que a refração é condição necessária do signo nessa acepção.

Logo, a língua pode ser compreendida como um conjunto indefinido de vozes sociais, também conhecido como *heteroglossia* ou *plurilinguismo* (ibid, p. 59), as quais dialogam entre si continuamente de maneira multiforme, enredadas em uma cadeia responsiva. Assim, o real não se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo (FIORIN, 2006). Para Bakhtin, o dialogismo é o modo de funcionamento real da língua:

Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998, p. 86)

Percebemos, dessa forma, uma grande afinidade do Círculo com a metáfora do diálogo, considerado como um espaço em que é possível observar a dinâmica do processo de interação das vozes sociais. Importante perceber que ele não deve ser visto no sentido restrito, pois isso não atenderia às necessidades dessa teoria, mas

no sentido de “[...] complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali.” (FARACO, 2009, p. 61).

Também Fiorin (2006) entende que, no viés bakhtiniano, todo enunciado possui uma dimensão dupla, pois revela duas posições: a sua e a do outro. Mesmo que a resposta caracterize uma concordância ao enunciador, esta se faz no ponto de tensão desta assertiva com outras que porventura existam. Nesse sentido, procuraremos ilustrar essa perspectiva, por meio de excertos de alguns contos de Lygia Fagundes Telles.

Em *As cerejas* (TELLES, 2008), o espaço de tensão em que se dá a relação entre as vozes dialógicas, por exemplo, está relacionado à construção do perfil da protagonista da história. Em uma atmosfera heterogênea, ela vai constituindo-se discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas, o que colabora para o conflito da trama:

Aquela gente teria mesmo existido? Madrinha tecendo a cortina de crochê com um anjinho a esvoaçar por entre rosas, a pobre Madrinha sempre afobada, piscando os olhinhos estrábicos, vocês não viram onde deixei meus óculos? [...] Tia Olívia enfasiada e lânguida, abanando-se com uma ventarola chinesa, a voz pesada indo e vindo ao embalo da rede, fico exausta no calor!... Marcelo muito louro - por que não me lembro da voz dele? - agarrado à crina do cavalo, agarrado à cabeleira de tia Olívia, os dois tombando lividamente azuis sobre o divã. Você levou as velas à tia Olívia?, perguntou Madrinha lá embaixo. O relâmpago apagou-se. E no escuro que se fez, veio como resposta o ruído das cerejas se despencando no chão. (TELLES, 2008, p. 11)

A diegese (mundo ficcional) da história corresponde a uma espécie de *triângulo* amoroso, em que a experiência de uma mulher vivida triunfa sobre o amor platônico de uma garota. A jovem campesina mostra-se incipiente no trato da vida, retratando-se como uma adolescente prosaica diante dos visitantes vindos da cidade grande. Nem mesmo seu nome é apresentado na história que nos conta, uma vez que, pela construção de seu discurso, vê-se como insignificante frente à rival e ao pretendente.

Essa ideia fica implícita nas ações da personagem e na maneira como diz o mundo que a cerca. Mas também há a explicitude dessa força axiológica em trechos como: “Aproximei-me fascinada. Nunca tinha visto ninguém como tia Olívia, ninguém com aqueles olhos pintados de verde e com aquele decote assim fundo.” (TELLES, 2008, p. 13); bem como em: “Marcelo também tinha estado na Europa com o avô. Seria isso? Seria isso que os fazia infinitamente superiores a nós? Pareciam feitos

de outra carne e pertencer a um outro mundo tão acima do nosso, ah! como éramos pobres e feios.” (TELLES, 2008, p. 13-14)

A menina é nominada pelos outros partícipes do conto com predicação indireta: *priminha, filha, menina*. Isso, provavelmente, para reforçar a percepção que tem sobre sua condição infantil perante os olhos dos *adultos*, uma vez que é ela que reconstrói a trama em sua memória de adulta. Sua idade, por exemplo, não é especificamente revelada, apenas que era três anos mais nova do que o primo. Já a adjetivação que traz na memória sobre quando Marcelo lhe dirige a palavra é menos carinhosa, uma vez que geralmente a deprecia, com expressões do tipo “gente como você” ou “sua boba”.

Todos esses elementos expressos na seleção lexical auxiliam na construção do perfil psicológico do eu-narrador, o qual se mostra ao leitor como ele mesmo se vê: pressupõe-se alguém insignificante em relação ao mundo que o cerca que nem ao menos precisa ser identificado pelo seu nome próprio, porque parece não importar, é irrelevante, como sua própria personalidade que se funde a tantas outras em uma sociedade multifacetada.

Nesse caso, é por meio das vozes sociais ou complexos axiológicos que esse grupo específico diz o mundo e circula dentro do exercício de poder: “Todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (FARACO, 2009, p. 59)

Logo, o diálogo, nessa acepção, é um espaço de tensão entre os enunciados – entendidos como as unidades reais de comunicação, ou seja, entre as vozes sociais. Dessa maneira, podemos afirmar que a relação dialógica é, ao mesmo tempo, dialética, uma vez que nela atuam forças centrípetas (agem na tentativa de centralizar axiologicamente o plurilinguismo) e centrífugas (fazem o movimento inverso, corroendo continuamente as tendências centralizadoras).

Essa questão também pode ser ilustrada em *A caçada* (TELLES, 1979, p. 263):

O homem acendeu um cigarro. Sua mão tremia. Em que tempo, meu Deus!, em que tempo teria assistido a essa mesma cena. E onde?... Era uma caçada. No primeiro plano, estava o caçador de arco retesado, apontando para uma touceira espessa.

No conto, a narração aparece em dois níveis: um para uma realidade possível e outro para uma realidade fantástica. No primeiro, o nível da história, emprega-se um narrador heterodiegético,⁶ em que a voz que conta está ausente da trama; e, no segundo, o nível narrativo, emprega-se um narrador extradiegético,⁷ em torno do qual se desenrola todo o conflito. O protagonista vive um suplício entre a sanidade de se perceber apenas um espectador diante de uma tapeçaria (centralização enunciativa) e a loucura de se acreditar participante da cena (descentralização).

É um processo de construção dialógica em que, no mesmo sujeito, existe a confluência de um eu, de um outro e de um outro de si mesmo, em uma alternância de forças centrípetas e centrífugas. Dessa forma, as táticas discursivas presentes no texto para construir o perfil da personagem e da atmosfera da narrativa são aspectos preponderantes da trama.

Por meio da constatação dessas estratégias do dizer, que ora negam a identidade ora a alteridade, percebemos a seleção de palavras, a construção do tema, o modo de organização narrativa usada, em que os sujeitos-vozes-posições interpretativas que circundam as palavras representam a relação dialógica entre texto e as vozes construídas por meio de seu sentido.

Faraco (2009, p. 78) alerta para o fato de que não podemos confundir *heteroglossia* ou *plurivocidade*, termos usados por Bakhtin para designar essa realidade heterogênea da linguagem quando vista pelo prisma do plurilinguismo real, com polifonia. É preciso atentar que uma estratificação socioaxiológica não origina particularmente uma realidade polifônica, conforme a visão bakhtiniana: “*Polifonia* não é um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes.”

Para Faraco (2009, p. 77), Bakhtin parece defender “[...] a sua utopia de um mundo *polifônico*, no qual a multiplicidade de vozes plenivalentes e de consciências independentes e não fundíveis tem direito de cidadania – vozes e consciências que circulam e interagem num diálogo infinito.” Mas é preciso esclarecer que o termo polifonia, advindo do mundo da música, foi adotado por Bakhtin, para qualificar o projeto estético realizado por Dostoievski em seus romances mais maduros, tendo um sentido bastante específico: nomear uma nova forma de narrar.

⁶ É aquele que não é co-referencial de nenhuma das personagens da diegese, sem participar, pois, da história narrada.

⁷ É aquele que ocupa a posição de narrador de primeiro grau em uma narrativa primária, sendo seu ato externo em relação aos eventos narrados na história.

Faraco cita outro estudioso de Bakhtin, Tezza (2002, apud FARACO, 2009), o qual afirma que polifonia é uma categoria filosófica para o autor russo e não linguística, ela corresponde a modos de pensar, a uma visão de mundo e não a uma categoria técnica. Ele levanta a hipótese de que polifonia é antes uma categoria ética do que literária. Faraco (2009, p. 79), por sua vez, conclui sobre essa polêmica que, o termo polifonia pode ser visto “[...] como a metáfora que recobre a sua utopia e que ele viu materializada no projeto artístico de Dostoievski – um mundo de vozes plenivalentes em relações dialógicas infindas.”

Dessa forma, Faraco (2009) sugere que, talvez, fosse mais prudente retirar esse termo do vocabulário crítico de Bakhtin e agregá-lo ao utópico, destrivualizando seu uso e apreendendo com maior nitidez as coordenadas que o direcionam.

No que tange às definições de interdiscursividade e de intertextualidade, Fiorin (2006) destaca que o problema já se instaura na dificuldade em distinguir os conceitos de texto, enunciado e discurso na obra de Bakhtin, porque ora eles se equivalem, ora se distinguem. Por isso, o pesquisador opta pelo trabalho bakhtiniano *O problema do texto*,⁸ no qual eles não se recobrem.

Na visão bakhtiniana, texto é uma unidade de manifestação do pensamento, da emoção, do sentido, do significado. Quando o texto se insere em uma relação dialógica, ele torna-se um enunciado: unidade real de comunicação, um todo de sentido, marcado pelo acabamento e admitindo réplica, uma postura axiológica; mas quando fora desse contexto, é apenas uma entidade linguística, só tem realidade como texto.

Fiorin (2006, p. 180) acrescenta que “O enunciado é da ordem do sentido; o texto é do domínio da manifestação. O sentido não pode construir-se senão nas relações dialógicas. Sua manifestação é o texto e este pode ser considerado como uma entidade em si.”

Dessa forma, há uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que acontecem entre textos. Assim, qualquer relação dialógica é considerada *interdiscursiva*, mas a *intertextualidade* só acontece em casos nos quais a relação discursiva é materializada em textos.

No conto *As cerejas*, temos o exemplo do primeiro fenômeno, uma vez que a fruta, em forma de adorno que enfeita o colo de Olívia, pode ser considerada

⁸ Conforme Fiorin (2006), esse texto é um manuscrito, não totalmente acabado, que deve ter sido produzido por volta do início da década de 1960.

simbólica ao resgatar a leitura de que, em algumas culturas, a cerejeira é considerada um prenúncio da primavera, por florescer cedo, e da virgindade, uma vez que a vulva é considerada uma *fonte de cereja*. Na iconografia cristã, a cereja é uma alternativa à maçã como a fruta do paraíso. Assim, as cerejas podem estabelecer na história uma relação de sentido com outros discursos, mas sem haver a materialidade destes, portanto, uma relação interdiscursiva.

Elas, conforme a construção de sentido na leitura, podem representar, em função da desilusão amorosa, a mudança de estado psicológico da protagonista, por amadurecer talvez mais cedo do que esperava, da mesma forma que a cerejeira floresce precocemente; bem como a luxúria, tão ligada à simbologia do fruto proibido, que gera o conflito da jovem ao presenciar a união sexual entre a tia e o rapaz, em contraposição à sua própria falta de experiência no trato amoroso.

Há também que se distinguir quando as relações dialógicas manifestam-se entre textos e dentro do texto: no primeiro caso, trata-se de um texto que se relaciona com outro texto já constituído, em um encontro de dois textos (intertextualidade); no segundo, são duas vozes que se acham no interior do mesmo texto (intratextualidade).

Nos dois contos lygianos apresentados aqui, há a presença deste último tipo de relação, materializada no discurso indireto-livre utilizado como estratégia discursiva na organização e na composição das tramas, uma vez que, em ambos, a voz do narrador e do protagonista encontram-se de maneira bivocal, em um embate de forças, no interior do mesmo texto.

Em *O menino e o velho* (Telles, 2000, p. 69) encontramos, a fim de exemplificar os termos propostos por Fiorin (1999) quanto ao processo dialógico decorrente dos discursos, as relações distintas entre intertextualidade e interdiscursividade:

Manhã de um azul flamante. Fiquei olhando o mar que não via há algum tempo e era o mesmo mar de antes, um mar que se repetia e era irrepetível. Misterioso e sem mistério nas ondas estourando naquelas espumas flutuantes (bom-dia, Castro Alves!) tão efêmeras e eternas, nascendo e morrendo ali na areia.

Ao citar o poeta romântico, Telles (2000) agrega em sua descrição sobre o mar o título de uma obra de Castro Alves: *Espumas Flutuantes* (Alves, 2005, p.67), publicada pela primeira vez em 1870, e uma fração existente em seu prólogo:

Uma esteira de espumas...
flores perdidas na vasta indiferença do oceano.
Um punhado de versos...
espumas flutuantes no dorso fero da vida

Tal processo, representado pela citação, pode “confirmar ou alterar o sentido do texto citado” (Fiorin, 1999, p. 30), porém, como dito anteriormente, o enunciador, ao utilizar a intertextualidade para referir-se a um determinado texto, está vinculando também a manifestação discursiva do autor citado. No exemplo em que Telles (2000) cita Castro Alves (Alves, 2005, p.67), além de resgatar um trecho de seu texto, está veiculando por entre seu conto o discurso do autor permeado de elementos ideológicos, que o caracteriza como poeta romântico.

2 A TRÍADE EM FOCO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE O GÊNERO DISCURSIVO CONTO

Nossa pesquisa em relação à seleção do *corpus* a ser analisado – teses e dissertações que trabalhem o gênero discursivo *conto* sob a ótica da linguagem como atividade – revelou-nos a escassez de análises desse gênero, na perspectiva adotada pelo Círculo de Bakhtin, nas universidades brasileiras, uma vez que procuramos abarcar as pesquisas publicadas em bibliotecas virtuais e bancos de dados de instituições públicas do país.

A maior concentração de pesquisas que encontramos, com as características delimitadas, foi na região sul, no Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo os estudos focalizados na área da Literatura. Mesmo nesses trabalhos, poucos exploraram com vigor e profundidade a tríade como contrapalavra do percurso teórico-metodológico adotado.

Dos três conceitos, a recorrência maior é em relação ao dialogismo, possivelmente porque este recobre a própria metáfora dos estudos bakhtinianos sobre a linguagem. Em se tratando de polifonia, em quase todos os trabalhos analisados, quando esse termo é usado, o termo é visto como sinônimo de plurilinguismo, plurivocidade ou heteroglossia, incorrendo em uma inadequação conceitual no que se refere às propostas do Círculo, conforme as orientações de Faraco (2009) e de Fiorin (2006). Quanto à interdiscursividade, praticamente não é mencionada nas pesquisas, não sendo um conceito tratado com muita relevância.

Para ilustrar, mostraremos alguns fragmentos desses trabalhos, quando tratando dos conceitos bakhtinianos propostos. Fonseca (2004), em sua dissertação sobre a gênese do conto, os conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin: dialogismo e polifonia. No que tange ao primeiro, afirma ser o princípio filosófico que orienta o método investigativo dos estudos bakhtinianos, tratando especificamente das relações que o homem mantém com o mundo por meio da linguagem.

Ao longo de um capítulo, o autor discorre sobre as especificidades desse pensamento de forma que as consideramos adequadas às percepções defendidas pelos autores que escolhemos para subsidiar esta análise. Entretanto, o conceito de polifonia é definido assim, de acordo com a leitura que a autora fez da obra de Bakhtin sobre a poética em Dostoievski:

Uma narrativa pode ser monológica ou polifônica, sendo que as possibilidades abertas pela presença de polifonia enriquece a obra, de forma considerável, a partir do diálogo de vozes que se instaura, representando um confronto de ideologia. A polifonia do discurso se dá ao nível das personagens; das ideias; dos gênero e do discurso, proporcionando-nos o acesso à fala do outro, à sua voz, à manifestação de suas ideias. (FONSECA, 2004, p. 43)

No excerto, parece-nos que há uma divergência em relação ao que entendemos por polifonia, de acordo com o preceito do Círculo de Bakhtin: como vozes equipolentes ou equivalentes que permeiam o enunciado. Na citação, compreendemos que a terminologia conveniente seria a heteroglossia ou a plurivocidade, esta sim correspondendo ao embate das diferentes vozes sociais que se confrontam no discurso.

Cunha (2005), por sua vez, em sua dissertação voltada para a história da literatura, versa sobre como a obra do argentino Jorge Luis Borges, em específico os seus contos, teve sua recepção pela crítica no Rio Grande do Sul, no período que compreende os anos 70 e 90. A autora explora, de maneira bastante superficial, o conceito de dialogismo em Bakhtin, a fim de relacioná-lo ao de intertextualidade, o qual é utilizado por diversas vezes ao longo de sua análise.

Esse conceito, no entanto, é tomado no seu sentido lato e não no restrito, como convém ao viés bakhtiniano, sendo ali entendido como qualquer relação dialógica entre enunciados, materializada ou não nos textos. Dessa forma, não é distinta a interdiscursividade da intertextualidade, muito menos a intratextualidade nesse trabalho.

Em sua tese de doutoramento sobre os contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles, Lamas (2002), embora não se atenha aos estudos relacionados à completude da tríade, por não tratar especificamente dela em sua pesquisa, apresenta-nos a menção a três termos que nos interessam:

- a) dialogismo – ao mencionar pesquisas já realizadas sobre a escritora no viés das vozes sociais, tornando esse prisma próximo ao seu trabalho, uma vez que focaliza o tema do duplo;
- b) polifonia – ao tratar da ironia nos contos, a qual considera que mobiliza diferentes vozes, caracterizando-se, em nosso prisma, mais como um caso de heteroglossia;
- c) intertextualidade – ao analisar nos contos a relação dialógica entre enunciados não materializada nos textos, o que, na perspectiva por nós adotada, definiríamos como interdiscursividade.

De fato é, para os parâmetros traçados aqui, uma abordagem teórica superficial no que se refere aos conceitos bakhtinianos que nos propusemos a discutir, no entanto, Lamas (2002) apresenta-nos esses conceitos como essenciais para compreender os fundamentos da organização composicional e do estilo dos textos de Lygia, como a pesquisadora propõe-se a fazer e com o que concordamos.

CONCLUSÃO

Durante todo o processo de análise do *corpus*, pudemos observar que, no que tange às ideias e às reflexões do Círculo de Bakhtin sobre a tríade dialogismo, polifonia e interdiscursividade, existe uma carência de aprofundamento por parte de alguns dos pesquisadores na área de Língua Portuguesa e de Literatura no que diz respeito à concepção dos conceitos bakhtinianos e às aplicações destes nas análises sobre gêneros discursivos, em específico o conto.

Entretanto, ainda que existam essas carências diante da apresentação da tríade colocada em foco, há teóricos que possibilitam a compreensão mais clara dos pressupostos filosóficos de Bakhtin em relação à linguagem, apesar das possíveis restrições inerentes às traduções e, com efeito, às diferentes interpretações de seus escritos.

Consideramos que, para nosso trabalho como pesquisadores e como docentes, ao diferenciar tais termos bakhtinianos e aplicá-los ao ensino,

compreendê-los com exatidão se faz necessário, apesar de estarmos diante de ideologias diversificadas, uma vez que, por meio de nossas *vozes sociais*, ecoarão as ideias de Bakhtin e de seu Círculo de estudiosos, disseminadas nas estratégias discursivas para o estudo dos gêneros em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. Apresentação e notas: José de Paula Ramos Jr. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.

BRAIT, B. Problemas da poética de Dostoievski e estudos da linguagem. In: _____. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 45-72.

CUNHA, K.C.F. *A leitura crítica de Jorge Luis Borges no Rio Grande do Sul*. 2005. 411 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

_____. Polifonia Textual e Discursiva. In BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L.(orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 29-36.

_____. Resignificando o ensino de LP. In: SEMANA DE LETRAS DA FAFIJAN, 4., 2000, Jandaia do Sul. *Anais da Semana de Letras da FAFIJAN*. Jandaia do Sul, 2000, p. 17-29.

_____. Polifonia textual e discursiva. _____. São Paulo: Edusp, 1999, p. 29-36.

FONSECA, C.L.V. *Os bichos de muita antiguidade: anticonvenções do contar em Guimarães Rosa*. 2004. 124 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LAMAS, B. S. *Lygia Fagundes Telles: imaginário e a escritura do duplo*. 2002. 287 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

MACHADO, I. A. *O romance e a voz: a prosa dialógica de Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

TELLES, L. F. As cerejas. In: _____. *Oito contos de amor*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008, p.11-20. (Coleção Lygia Fagundes Telles)

_____. O menino e o velho. In: TELLES, L. F. *Invenção e memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, 69-70.

_____. A caçada. In: TELLES, L. F. *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, 42-45.

Recebido em 30 de novembro de 2011.

Aceito em 11 de dezembro de 2011.